

Léxico e cultura: entrevista com Maria José Bocorny Finatto

Lexicon and culture: interview with Maria José Bocorny Finatto

Maria José Bocorny Finatto

UFRGS

<https://orcid.org/0000-0002-6022-8408>

mariafinatto@gmail.com

Flávio de Aguiar Barbosa

UERJ

<http://lattes.cnpq.br/0281202091627996>

flavioab.uerj@gmail.com

Maria Jose Bocorny Finatto é professora titular do Setor de Linguística da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), integrante da Comissão Brasileira de Terminologias Técnico-científicas junto ao IILP – Instituto Internacional da Língua Portuguesa – e integrante da Comissão Científica e Estratégica das Ciências do Léxico da ABRALIN. Em 2019, foi premiada pela LARA – Latin America Research Awards –, em prêmio concedido pela empresa Google para sua proposta “Ferramenta MedSimple”, recurso on-line para auxiliar a simplificação de textos em temas de Saúde. Haveria muito mais a ser dito, mas por aqui paramos.

Sua trajetória nas Ciências do Léxico é longa e direcionada principalmente a projetos de Terminologia e Linguística de Corpus. Nesta entrevista, entre outros temas, ela divide conosco suas experiências e reflexões a respeito da elaboração de dicionários para alunos estrangeiros e da importância da formação do professor para lidar com os dicionários pedagógicos. Aproveitem!

Considerando a diversidade do trabalho lexicográfico, o que é importante destacar como distintivo na lexicografia pedagógica?

Antes de se destacar alguma distinção, penso que cabe situar um quadro de experiências ao tema da Lexicografia entre nós, no cenário dos cursos de Letras do Brasil. Felizmente, temos uma base de conhecimentos e todo um estado da arte em termos de teorias, análises, princípios e práticas associadas à dicionarização. Infelizmente, a despeito de diferentes e variados esforços, muito desse arcabouço de estudos e de reflexões não chegou muito próximo dos currículos universitários, sobretudo daqueles que formam professores para a Educação Básica.

Na minha universidade, a UFRGS, propus a criação da disciplina “Léxico e Dicionários”, em 2010, uma atividade de ensino obrigatória no curso de graduação em Letras/Tradução e matéria apenas optativa nos cursos de Letras/Licenciatura e de Comunicação Social. Como todos sabemos, desenhar as estruturas curriculares, colocando-se ou não matérias ou conteúdos que se pode considerar relevantes, depende de todo um concerto de variáveis, condições de execução de propostas e de interesses.

Essa iniciativa eu tomei por conta de um encontro do nosso GTLEX na ANPOLL, em 2008, quando chegamos à conclusão da importância dessa inserção curricular em cursos de Letras em todo o país.

Durante anos, até 2020, fui a única ministrante dessas disciplinas, sempre com um bom número de alunos. Eles diziam, via de regra, nunca terem parado para pensar no papel dos dicionários em suas vidas ou experiências de trabalho. Tampouco haviam explorado o tema em alguma atividade de ensino específica, com exceção dos estudantes de Tradução. Afinal, tratar do tema de dicionários, mesmo que em um enfoque “ferramental” era inevitável ao longo da formação e das práticas.

Assim a correlação entre Lexicografia e ensino e pedagogias - seja na formação de professores de línguas ou de profissionais de tradução - já se acentuava. E, quanto mais estreitavam-se laços, mais aparceria a condição de Lexicografia na/para a(s) Pedagogia(s)/Ensino(s), o que facilitava uma sua qualificação ou transfiguração também para apoiar essas atividades formativas. Marcava-se a necessidade de obras dicionarísticas que servissem como material didático para essas formações.

Bem dito isso, o principal, para mim, é que a Lexicografia Pedagógica, essa que se concretiza sob a forma de dicionários e de uma teorização e metodologias diferenciados e é [ou precisa ser] diferenciada. Quem me lê, pensa, isso que é uma obviedade dizer. Mas é preciso pensar no aproveitamento de dicionários pré-existentes – de diferentes tipos e naturezas - em meio ao ensino/formação e nos dicionários que se produzem especialmente para o subsidiar um dado tipo de ensino/formação.

Essa condição, às vezes, parece nos escapar em meio aos fazeres imediatos e em meio a uma práxis usual ou tradicional associada à produção dicionarística balizada pelo uso que se pretende dar a ela. Enfim, quando uma ideia se concretiza, é sempre importante (re)lembrar de que pontos de referência se partiu para a sua produção.

A obra dicionarística, como uma categoria ou tipo derivado disso que identifica como “Lexicografia Pedagógica” (LP), deve ser colocada, obviamente, como um instrumento de apoio ao ensino. Sem esquecermos de considerar as concepções de Ensino/Educação envolvidos, os professores/educadores, aprendizes, cenários, condições e limitações. Assim, LP deve concretizar-se como algo que tenha sido pensado e executado de modo a inserir-se, com facilidade, em meio a processos e atividades de ensino – formal, presencial, especial, remoto, seja quais forem.

Em resumo, a LP, como uma tipologia dicionarística, é – ousou dizer, uma enunciação lexicográfica. É um construto que visa ajudar ou instrumentalizar o/um professor, em dada sala de aula, em diferentes atividades, juntando-se aos diferentes recursos de que ele disponha ou não. Nesse sentido, é preciso ter-se em mente, sempre, o perfil do(s) destinatário(s) na produção desse tipo de obra e também apresentarem-se aplicações concretas e intelegíveis: qual é professor(a) com quem se dialoga, com qual formação ela/ela tem, em que atividade(s) de ensino esta obra [ou recurso dicionarístico] pretende ser inserida?

E isso precisa estar claro, para o nosso destinatário-professor e também para o estudante/aprendiz, sem toda uma metalinguagem (meta)lexicográfica, que, conforme vejo, só afasta. É preciso que, junto com uma dada obra de cunho dicionarístico, sendo ela pedagógica - venham pontos de diálogo com o(a) professor/(a) do Ensino Básico, especialmente com aqueles(as) sem familiaridade com os estudos de Linguística Aplicada e Lexicografia. Afinal, em que pese todo um histórico de esforços, como foi o do Programa Nacional do Livro Didático direcionado a Dicionários, levado a cabo pelo Ministério da Educação, as disciplinas sobre Léxico e Dicionários ainda são relativamente raras nos currículos de Letras e Educação. Precisamos conseguir nos aproximar sobretudo daquele professor, educador ou agente de formação que não teve contato com o tema.

Esse tipo de obra precisa estar acompanhada de uma parte especial para os professores, um suplemento, com sugestões de atividades a realizar e algum material pré-formatado para seu uso, como uma base a “clonar”. Além disso, é importante trazer indicações de leituras – facilitadas – sobre o tema, caso a pessoa se interesse e tenha como buscar algum aprofundamento.

O professor do Ensino Fundamental, e mesmo do Ensino Médio, das escolas públicas do Brasil, precisa muito disso, ele precisa da LP, em suas diferentes facetas, seja como área de estudos, pesquisa e formação, seja como práticas e produtos concretos. Esse profissional, como sabemos, atende muitas pessoas, em diferentes locais, e ganha pouco. Ele, via de regra, não tem muito apoio

pedagógico, nem materiais à mão. Assim, ele precisaria ser acolhido pela Lexicografia, que precisaria dar-se a conhecer e dialogar com ele.

Hoje felizmente, o assunto da LP está com algum destaque – parecendo-me até um tanto renovado – no âmbito nacional, pelo menos desde 2018-19. Um exemplo é o tema estar mencionado na obra a seguir, de 2019, de acesso on-line gratuito, ainda que, na minha opinião, sem muito entusiasmo:

Manual de (meta)lexicografia [livro eletrônico / Organizadores Félix Valentín Bugueño Miranda e Laura Campos de Borba. – 1a ed. – Goiânia : Editora Espaço Acadêmico, 2019. 157 p.; ePUB.

Dessa obra, destaco o seguinte trecho:

“cabe questionar-se se é possível falar com propriedade de Lexicografia Pedagógica quando os expoentes rotulados “dicionários pedagógicos” não demonstram estarem atrelados nem minimamente a um programa de ensino, seja da língua materna, seja da língua estrangeira.” [MIRANDA, BORBA, 2019, p.143]

Assim, em resumo, retomando a sua pergunta, o que eu destaco como distintivo na Lexicografia Pedagógica é que ela, antes do que um tema de pesquisa linguística, é um importante desejo em construção. Sua efetivação, entre os ideais e as realidades, passa por toda uma base de ações e de comprometimentos de diferentes pessoas, instituições e gestores. Atores que queiram, realmente, construir algo útil e relevante para a Educação, a partir dos seus conhecimentos e formações, em prol da sociedade. Mais do que atrelarmo-nos, mais ou menos, a programas formais de ensino, precisamos nos vincular com as pessoas que os estabelecem. Mas os parceiros mais importantes são as pessoas que realizam e vivenciam esses programas.

Levando em conta o destaque mercadológico dos dicionários escolares – a cada ano, há grande compra deles a partir das listas das escolas –, como você avalia a importância de estruturas de controle de qualidade, como as comissões de avaliação do MEC, e de grupos de pesquisa, como o GT de Ciências do Léxico da ANPOLL, terem atenção à questão, prestando assessoria e fundamentação a tais processos de avaliação?

Nossa função, como especialistas na área das Ciências do Léxico, no Brasil, é essencial. Não basta apenas o Governo Brasileiro ou as entidades educacionais da iniciativa privada comprarem dicionários – de diferentes tipos e perfis – e colocá-los, fisicamente, dentro das escolas, na frente de estudantes e professores. Naturalmente, ter esses materiais para usar – nas escolas públicas – nas salas de aula, em meio a outros materiais didáticos já fornecidos pelo MEC, já foi um avanço enorme. E isso somente aconteceu graças ao PNLD – Dicionários, entre 2010 e 2012.

Mas, depois de avaliações de especialistas promovidas pelo PNLD, das licitações e compras e entregas de dicionários, as aquisições, hoje, parecem ter cessado ou diminuído. Digo isso, salvo erro, sem uma base de pesquisa, frente ao que percebo, muito subjetivamente, por relato de alguns professores de escolas públicas próximos a mim. Frente ao que ocorre com as compras de livros e materiais didáticos em geral, ainda há muito o que se fazer quanto às obras dicionarísticas em seus diferentes formatos e suportes.

Como já mencionei na pergunta anterior, é preciso mostrar o que se pode fazer com os acervos que já foram comprados ou com os que se pretende comprar, expandindo-se o que já se fez no PNLD – Dicionários. Imagino que dicionários daquela iniciativa, dez anos depois, ainda estejam nas escolas, nas salas de aula, à espera da volta do ensino presencial, pós-pandemia. O que foi feito deles? Quem os guardou?

Para além do livro físico disponível e mesmo do novo mundo dos dicionários que se passou a consultar na internet por conta do Ensino Remoto – para quem pôde acessá-lo – falta ainda aprender e ensinar que “dicionário não é tudo igual”, por exemplo. Isso será precioso na sala de aula.

Os dicionários que foram comprados – a duras penas e a custo de investimento público – pelo PNLD não podem apenas ter ficado pegando pó em um canto da sala de aula ou ainda valerem como um atestado de não-saber [e de burrice] para quem os ouse pegar, manusear ou consultar. Saber ler um dicionário, percebê-lo como um livro diferenciado, que pertence a um gênero de registro cultural, é uma atividade muito importante na formação de uma pessoa que sai da alfabetização para alcançar seu letramento.

Dentro da lexicografia pedagógica, quais são os elementos diferenciais nos dicionários de aprendizes, aqueles direcionados especificamente a usuários de língua estrangeira?

Acho que uma parte introdutória, nesse dicionários, dirigida ao aprendiz, escrita na sua língua materna é muito importante. É uma seção – que alguns chamam – em (meta)lexicografia de front matter, trazendo alguns contrastes sobre as línguas envolvidas – a língua materna do usuário.

Para quem quer ter algumas dicas importantes sobre a nova língua à qual ele adentra é muito importante. No caso do espanhol, por exemplo, as diferenças dos gêneros das palavras, por exemplo, frente ao português, ilustra um ponto importante dessa seção. Mas, claro, precisa ser algo apresentado de modo dinâmico e interessante, com infográficos, e que pode até envolver um pouco da História dos povos e das culturas. Isso é um passo importante para um dar-se conta sobre as línguas e seus funcionamentos, integrando a educação linguística da pessoa.

Outro ponto fundamental é deixar clara a habilidade que se tenha mais em foco com o produto que o consulente tenha à sua frente – seja em papel ou e formato on-line. Uma série de perguntas

precisa ser antecipada e respondida logo no acesso do recurso: a obra pretende ajudar a compreensão na leitura na língua estrangeira? Ou visa mais auxiliar a escrita? Ou um pouco de cada coisa? A fala/pronúncia?

Corpora de referência utilizados para produzir o dicionário ou repertório também devem ser apresentados em caso de focos centrados em escrita/leitura: este é um dicionário de espanhol como LE para ajudar ler crônicas de Futebol da Espanha ? E também da Argentina? Ou é uma obra centrada no auxílio à compreensão de leitura de textos literários? Ou visa ajudar a pessoa a escrever textos acadêmicos da área de Ciências Exatas em Espanhol?

Como você avalia a disponibilidade de dicionários de aprendizes para estudantes de língua portuguesa?

Tenho andado um pouco distante desta temática, dos dicionários de PLE [português como língua estrangeira – que hoje é identificado com diferentes denominações e enfoques, como o “português língua de herança”]. Então seria temeroso afirmar algo. Mas, mesmo assim, posso recordar uma iniciativa com dicionários de PLE - entre 2010 e 2012 e 2012-2014 - que, acredito, ainda poderia ser resgatada e até continuada. Eu, junto com orientandos e colaboradores voluntários, construímos dois protótipos de dicionários que ainda estão disponíveis on-line. As pessoas que mais ajudaram nesses trabalhos foram a hoje investigadora Dra. Tanara Kuhn, que atua em Portugal, a hoje docente da PUCRS, Dra. Aline Evers, além dos então professor Kleber Schenk, que atuavam em PLE. Também Bruna Rodrigues da Silva, que lidava com lexicografia atrelada a textos de jornais populares, e Tony Leiva Hercules, que fez a parte informatizada e as locuções, foram fundamentais. Tivemos também parceria da Profa. Margarete Schlatter, da UFRGS, pelo Programa de Português como Língua Estrangeira (PPE) UFRGS, que nos apoiou para a apresentação do projeto junto à Secretaria de Educação a Distância (SEAD) da UFRGS. A SEAD, em seus editais de fomento, nos apoiou com cotas de bolsas para graduandos e pós-graduandos. Com essas bolsas, foi possível fazer o que fizemos.

Assim, embora inconclusos, os protótipos seguem disponíveis, como uma base, uma ideia, para quem quiser se interesse por usar, com os devidos ajustes e melhorias. Descrevo um pouco de cada um, salientando que foram objeto de trabalhos publicados e de apresentações em eventos , inclusive no ASIALEX:

a) Dicionário de português on-line (2010-2012)

<http://www.ufrgs.br/dicionarioportuguesle/EstruturaDic.php>

Este dicionário traz APENAS algumas palavras e expressões relacionadas ao tema FUTEBOL. Esse tema foi apontado em pesquisa, feita por Kleber Schenk, com estudantes de origem asiática, alunos do **Programa de Português como Língua Estrangeira da UFRGS**, como o de maior interesse daqueles aprendizes para ampliação de vocabulário.

É um dicionário MONOLÍNGUE. O usuário previsto é um estudante universitário falante nativo de línguas asiáticas aprendiz do português do Brasil.

O dicionário traz as seguintes informações sobre cada PALAVRA/ENTRADA:

- Classificação gramatical
- Flexão ou conjugação (aumentativos, diminutivos; conjugação do verbo apenas do presente)
- Áudio da leitura da palavra – com informação sobre o locutor
- Imagem ou desenho associada à palavra e aos seus diferentes sentidos
- Diferentes sentidos da palavra
- Palavras derivadas
- Expressões idiomáticas
- Construções recorrentes
- Exemplos simplificados de uso da palavra em frases para cada sentido
- Opção para ver mais contextos – exemplos de uso retirados do jornal Diário Gaúcho de Porto Alegre – RS – esta opção está com alguma dificuldade de funcionamento atualmente.

Estavam previstas notas auxiliares em INGLÊS, mas não puderam ser implementadas.

Abaixo, trago uma imagem do que se encontra no Guia do usuário e reproduzo o conteúdo de um dos verbetes [**zagueiro**].

Dicionário de Português On-Line

Voltar ao dicionário

Guia do usuário:

verbetes

chutar (verbo)

Conjugação: eu chuto, tu chutas, ele chuta, nós chutamos, eles chutam.

Ouvir a palavra
(locutor(a): homem, 21 anos de idade, estudante universitário, natural de Porto Alegre - RS)

Imagem:

Repare qual a classe da palavra – uma mesma forma pode ter classes diferentes. **FIQUE ATENTO!**

Veja como combinar o verbo com o sujeito no presente.

Clique em **Ouvir a palavra** e escute uma pessoa que a lê. Repare a pronúncia e de quem é a voz.

zagueiro (substantivo, masculino) ¹

Flexões: zagueiros (plural), zagueirão (aumentativo), zagueirinho (diminutivo), zagueira (feminino).

Imagem:



¹ É possível ouvir a palavra em: <https://bit.ly/3bmVqdR> - acesso em 20/02/2022

(locutor(a): homem, 21 anos de idade, estudante universitário, natural de Porto Alegre - RS)

1. jogador de futebol que atua na área de defesa. Em geral, ele tem um corpo avantajado, o que permite bloquear, com o próprio corpo, o avanço do adversário. Sinônimo: **beque** (adaptado do inglês *back*)

Nota: O nome **zagueiro** deriva de **zaga** (zaga + eiro). A **zaga** é uma zona defensiva e recuada no campo de futebol, próxima do goleiro. O zagueiro atua próximo ao gol, visando defender os ataques, mas também pode tentar impedir os avanços do time adversário em diferentes zonas do campo. A palavra **zaga** vem do português antigo e corresponde, conforme o Dicionário HOUAISS, a “conjunto de militares situados na retaguarda de uma tropa.” Há, assim, uma analogia com essa idéia de proteção contra ataques.

2. uso figurado (humor): pessoa de corpo avantajado ou grande.

Ex.1: A namorada que ele nos apresentou era tipo um **zagueiro**, um **zagueirão**. A moça era grande, quase meio metro maior do que ele, tanto na altura quanto na largura.

Ex.2: Claudia Leite era **zagueirão**. Claudia Leite, 28 anos, deu uma entrevista para a coluna Quem Acontece, da revista Época desta semana. Dentre outras coisas, a baiana revelou que costumava ter muita vergonha do seu corpo e tal. Ela chegou a ganhar o apelido de "**zagueira** do Bahia" de um ex-namorado. Claudia Leite era bem gorda antes de ser famosa.

3. uso figurado (humor): pessoa que atua como guarda-costas, segurança, protetora de outra.

Ex.: Dilma Rousseff, incapaz de se defender e atacar, chama o seu "**zagueiro**" Lula para entrar em campo.²

zagueirão

Por extensão: Um **zagueiro** que é talentoso eficiente em campo. O sentido aumentativo ligado à palavra destaca a sua (boa) qualidade.

Ex.: Pois bem, a galera estava rangando quando chegou o **zagueirão** Fabrício. Muito simples, cumprimentou a todos e posou para as fotos.

Nota: **rangando** vem do verbo **rangar** que corresponde a **comer**. As palavras **rangar** (verbo) e **rango** (a comida, substantivo, masculino) são utilizados um modo muito informal, associadas a uma alimentação barata e simples, o uso tem valor humorístico.³

² É possível ver mais exemplos em: <https://bit.ly/3OTvu7l> - acesso em 20/02/2022

(locutor(a): homem, 21 anos de idade, estudante universitário, natural de Porto Alegre - RS)

³ É possível ver mais exemplos em: <https://bit.ly/3bmXxi2> - acesso em 20/02/2022

zagueirinho⁴

Por extensão: Um **zagueiro** que é ruim, que não consegue impedir os ataques do adversário em campo. O sentido diminutivo ligado à palavra destaca a sua (má) qualidade.

Ex.: Juninho: De zagueirão, coisa que nunca foi, mas nós insistíamos em não enxergar, decaiu para **zagueirinho**.⁵

A segunda iniciativa foi a seguinte:

b) Dicionário Colaborativo de Português Brasileiro para Estrangeiros (2012-2014)

Este dicionário foi construído para ser completado/abastecido de forma colaborativa. O usuário você poderia **sugerir palavras** a serem definidas e poderia também **escrever definições**. Para tanto oferecia-se a opção do usuário fazer consultas nas notícias do jornal popular Diário Gaúcho, que funcionava como um corpus de base, visto que, em tese, trazia uma feição mais acessível de textos escritos em português.

A ideia era que o usuário ajudava a construir o dicionário, sugerindo entradas. Assim, ele clicava em **Enviar Definição!** Mas antes, deveria poder saber como uma dada palavra era utilizada, no corpus de jornais embutido à base do dicionário, clicando em "**Analisar**".

Também era oferecida, para o usuário colaborador, uma lista com as 3.500 palavras mais usadas no português escrito no Brasil, algo semelhante à celebre lista 3,000 Words da Editora Oxford. A produção dessa lista de referência, que é um vocabulário controlado, em tese mais acessível para os aprendizes de PLE, também foi tema de um artigo que publicamos com Aline Maciel Pereira e Aline Evers. A lista produzida ainda está ativa no site do protótipo do dicionário. Vale conhecer o trabalho.

Este segundo protótipo online, bastante complexo para os recursos e condições com que contávamos naquela época, na UFRGS, foi construído com a inestimável colaboração da então Bolsista SEAD de pós-graduação, a já citada Aline Evers, que fazia dissertação sobre os textos do exame CELPE-BRAS. E todo o trabalho de construir a lista de palavras mais simples – para o vocabulário controlado – teve a colaboração da então acadêmica de Letras e jovem professora de PLE Aline Maciel Pereira, bolsista de IC. O apoio computacional foi do, à época, também bolsista SEAD de graduação: acadêmico de Engenharia da Computação Luis Antonio Leiva Hercules.

⁴ É possível ouvir a palavra em: <https://bit.ly/3bnxfMz> - acesso em 20/02/2022

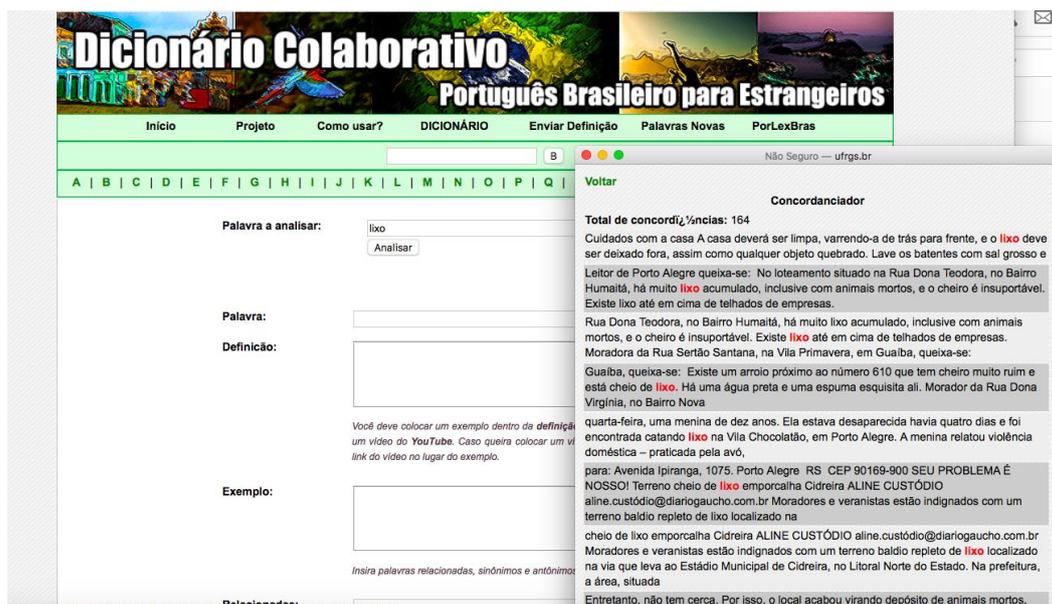
(locutor(a): homem, 21 anos de idade, estudante universitário, natural de Porto Alegre - RS)

⁵ É possível ver mais exemplos em: <https://bit.ly/3zRhirj> - acesso em 20/02/2022

Um artigo interessante que sintetiza nossa iniciativa, neste ponto de buscas de um vocabulário básico do português para usar nos dicionários de PLE, é: **Vocabulário controlado e redação de definições em dicionários de português para estrangeiros: ensaios para uma léxico-estatística textual**⁶.

A seguir trago algumas imagens desse protótipo 2 de dicionário. Como se verá, frente aos recursos atuais, é algo singelo, mas que foi bastante esforçado em suas ambições.

Atualizado em 10/03/2014



<http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/di/>

Mais imagens



⁶ Veja-se: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/10345> - acesso em 20/02/2022

The screenshot shows the website 'Dicionário Colaborativo Português Brasileiro para Estrangeiros'. The navigation bar includes links for 'Início', 'Projeto', 'Como usar?', 'DICIONÁRIO', 'Enviar Definição', 'Palavras Novas', and 'PorLexBras'. A search bar contains the letter 'B', and a horizontal menu lists letters from A to Z. The main content area displays the word 'abraçar' in a green box. Below it is a table with the following data:

Classificação morfosintática	Verbo Transitivo Direto
Sinônimos	abarcar, abranger, cercar, circundar, compreender, englobar, envolver nos braços
Tradução para o Inglês	hug, cling, cuddle, embrace
Antônimos	despegar, desabraçar, dividir, desajustar, separar, empurrar
Relacionadas	envolver, beijar, carinho, braços, mãos, coração, cabeça, carinho, amor, amigo

Com relação à formação do professor e à estrutura do ensino público no Brasil, o que precisa ser feito para que dicionários sejam mais (bem) usados em sala de aula e para que se desenvolva nos estudantes o hábito de consultar essas obras e a compreensão de como elas funcionam?

Em resumo, como já mencionei em outras questões, é preciso que haja o conteúdo sobre Léxico e Dicionários na formação desses professores. E sendo um chavão, vou dizer, isso depende de “vontade política”, mas também da vontade e da ação das pessoas que lidam com a Educação brasileira. Como o professor vai explorar dicionários com seus alunos se ele nunca ouviu falar desse tema ao longo da sua formação? O PNL D, em tese, já colocou acervos de diferentes dicionários nas escolas públicas, conforme desejo dos professores. O professor precisa saber como aproveitar esses materiais impressos e mesmo as novas e tantas opções de dicionários do que existem gratuitamente on-line. Essas opções se tornaram uma necessidade em termos de pandemia e do ensino remoto emergencial (ERE). Naturalmente, só funcionaram, de algum modo, para a parcela de pessoas que, atuando em escolas públicas, conseguiu ter acesso ao ERE. Na rede privada, isso foi bem mais disseminado. Mas não se pode comparar as condições, como bem sabemos.

Como foi a experiência de projetar e realizar um dicionário de português para estrangeiros?

Adicionalmente ao que já respondi anteriormente, saliento que, na verdade, foram dois protótipos de dicionários, os quais fico imensamente feliz de verem recuperados nesta entrevista. Muito obrigada por terem encontrado esse nosso trabalho que ficou um tanto esquecido. Espero que possam ser acessados pelos leitores desta publicação.

Apresentei-os em dois eventos do nosso GTLEX da ANPOLL, como ideais, projetos, mas infelizmente não consegui levar adiante as propostas: falta de apoio, término de bolsas e também a emergência de outras atividades – como as administrativas – no cenário da Universidade Pública. Felizmente, há ainda algo deles para se ver nos sites que desenvolvemos para eles. Olhando hoje, o sistema do dicionário colaborativo parece ainda muito bom, apesar de usar tecnologias muito rudimentares. Mas isso fica a critério dos colegas que lidam com o PLE hoje.

Por outro lado, esses dois projetos também me ajudaram a lançar mais ideias e produtos, como a **Oficina de escrita de português como língua estrangeira**, que vale conhecer enquanto o site ainda existe!⁷

E também, mais tarde, a iniciativa **Escrevendo em Português!**⁸

Foram realizações algo que, vindo desde o dia de hoje, inserem-se entre experiências que tive no período entre 2010 e 2014. Foi quando eu começava a buscar um assunto que me assombraria durante muitos anos, o tema do delineamento de um vocabulário básico/acessível do português escrito. Essas iniciativas nos permitiram chegar ao CorPop, um corpus de referência do Português Popular Escrito, que tem sido muito útil para novas aplicações, creio que possa ser perdoada por um tal abandono.

Qual é a importância do embasamento em corpus de usos autênticos, processado automaticamente, para a precisão e representatividade das informações lexicográficas?

O PNLD – Dicionários e as suas avaliações, divulgadas em editais para as editoras que queriam vender seus dicionários para o MEC, serviram para divulgar e qualificar essa associação entre corpus/corpora e dicionários. Pela primeira vez, em 2010, muitos gestores de editoras, que produziam dicionários escolares, tiveram contato com esse assunto e foram, por isso, buscar lexicógrafos que explicitassem quais acervos de base estavam utilizando como referência. Aqui a Linguística de Corpus brasileira, a nós apresentada, em 2004, pelo querido colega e professor Tony Berber Sardinha, da PUCSP, mostrou sua utilidade e presença. Corpus e processamento informatizado tornaram-se inseparáveis no levantamento do léxico e de vocabuários para novos dicionários brasileiros feitos com rigor metodológico e científico.

⁷ <http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/oficinaescrita/> - acesso em 20/02/2022

⁸ <http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/escrevendo/> - acesso em 20/02/2022

Um ou mais corpora de base, sabemos hoje e há muito tempo, associado a qualquer obra, servem como uma referência de um uso concreto das unidades que se inclui em um dicionário. No caso dos nossos protótipos, usávamos, como base, os textos de jornais populares e o PORLEXBRAS. Até para se avaliar o papel de um corpus associado a um dicionário, vale conhecer as outras nossas iniciativas a seguir indicadas, cujo acesso poderá ajudar a responder a questão de um modo bem concreto. Como já mencionei, utilizamos materiais provindos de jornais populares e chegamos a desenvolver outros recursos em forma de corpora, como o já citado CorPoP- um corpus de referência do Português Popular Escrito. A seguir os links para seu acesso, caso o nosso leitor se interesse em conhecer – todos estão disponíveis para acesso gratuito on-line.

PorPopular:

<http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/porpopular/>

PorlexBras:

<http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/>

CorPop:

<http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/corpop/>

Quais interações você percebe entre a organização de dicionários de aprendizagens e a Terminologia, outra área à qual você se dedica intensamente?

Atualmente, desde 2019, eu integro, por indicação do Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (MRE), que foi referendada pelo Conselho Científico do IILP - Instituto Internacional da Língua Portuguesa, a comissão de trabalho com as terminologias técnicas e científicas comuns dos países de língua portuguesa. Isso tem tudo a ver com o ensino do PLE e também com a promoção dos conhecimentos especializados que se expressam e que precisam ser registrados também em português. O português específico das ciências e tecnologias, realizado em textos e discursos, ainda que tenhamos uma língua franca de ciência, é incontornável no cenário da internacionalização. E o pluricentrismo é algo a sempre ser lembrado e frisado, pois são diferentes povos, nações que vivem em português.

E vamos muito além de registrar que enquanto no Brasil se usa o termo **nitrogênio**, em Portugal utiliza-se **azoto**. Como será essa terminologia da Química, e outras, em São Tomé e Príncipe ou Angola? Isso é a base do nosso trabalho, que tem caráter descritivo.

Essa função e encargos junto ao MRE muito me honram e servem – conforme eu vejo - de reconhecimento pelo conjunto de trabalhos que tenho feito há bastante tempo em termos de pesquisa acadêmica, sobretudo com a produção de glossários e bases de dados para apoiar a formação de tradutores de textos técnicos e científicos, como o projeto que denominei TEXTECC⁹.

Pelo TEXTECC, você verá corpora de especialidades diversas associados a dicionários on-line, mais ou menos completos, pois a ideia de protótipos sempre estava sendo uma necessidade. E isso é derivado da minha participação no Grupo TERMISUL da UFRGS, desde 1993. Esse grupo (veja em www.ufrgs.br/termisul) é um dos pioneiros no tema dos assim chamados “dicionários técnicos”.

Outro trabalho com terminologias, que envolve dicionários especializados e levantamento da linguagem em geral em meio a corpora, está sintetizado na nossa Ferramenta MedSimples. Essa ferramenta é um sistema on-line, de acesso livre, para ajudar os redatores que têm a missão de simplificar textos sobre temas de Saúde para pessoas de escolaridade limitada. Este trabalho envolve terminologias, que precisam ser explicadas de um modo acessível, mas não se reduz a isso. Nosso trabalho, nesse segmento, pode ser conhecido aqui.¹⁰

Pois, voltando ao começo da resposta, o IILP e a CPLP – A Comissão dos Países de Língua Portuguesa - têm feito muito em relação à Lexicografia e ao Ensino de PLE e também ao estudo/descrição das terminologias do português. Para quem quiser saber mais, isso pode ser verificado aqui.¹¹

Na parte dos levantamentos dos usos especializados/terminológicos, junto com as colegas Gladis Barcellos da UFSCar, nossa coordenadora na equipe central, Claudia Zavaglia e Regiane Zacarias, na UNESP, temos o desafio de produzir uma extensão do VOC - o Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa especialmente dedicada às terminologias. O VOC¹² pode ser conhecido e consultado nesta plataforma – o que se permite antever ou imaginar o que será a plataforma específica das terminologias em comum.

Aliás, penso que a questão da lusofonia e também o VOC, como um produto dela, poderia ser mais conhecido e divulgado junto aos professores de Letras/Linguística. É também um acervo que pode ser aproveitado em atividades de ensino on-line, em diferentes níveis da Educação. Muitas pessoas infelizmente, não têm a percepção de que uma mesma língua, nas suas diversidades, pode unir povos diferentes. As fronteiras do portug

⁹ Veja aqui: <http://www.ufrgs.br/textecc/> - acesso em 20/02/2022

¹⁰ Veja em **Cartilha de Simplificação** no menu: <http://www.ufrgs.br/textecc/acessibilidade/> - acesso em 20/02/2022

¹¹ <https://iilp.cplp.org> - acesso em 20/02/2022

¹² <https://voc.iilp.cplp.org> - acesso em 20/02/2022